

Disquetes desafiam investigação

Entre os 84 disquetes recolhidos na casa do diretor da empreiteira Odebrecht, alguns estão complicando a análise dos parlamentares. Os disquetes contêm mensagens em código (criptografadas) e decifrar seu conteúdo pode se transformar em mais um desafio para a CPI do Orçamento.

"Eu não sei se isso é importante ou completamente irrelevante" esquivou-se o deputado Moroni Torgan (PSDB-CE), que participa da análise dos documentos apreendidos na casa do diretor da Odebrecht. O deputado Aloísio Mercadante (PT-SP) é mais otimista: "Espero que essas tais mensagens em código tenham informações importantes", disse.

As esperanças de Mercadante podem ser em vão. Um parlamentar que teve acesso aos disquetes assegura que pelo menos uma das

mensagens criptografadas não passa de um ingênuo "Pacman". Ou seja, nada além de um jogo infantil de computador, muito apreciado por crianças.

A análise completa dos 84 disquetes deve demorar. O deputado Moroni Torgan disse que o grupo de parlamentares encarregado de destrinchar os disquetes "viu por cima" em torno de 60 deles. Desse total, apenas 15 chegaram a sofrer algum tipo de análise.

"O que nós já vimos mostra o sistema de apoio político que as empreiteiras têm", disse Moroni Torgan. Esse apoio viria de um grupo que envolveria não só parlamentares, mas também integrantes do Executivo.

"Eles desenvolveram uma estrutura poderosa que atua sobre todo o Orçamento", emendou o

deputado Aloísio Mercadante. Segundo o deputado, essa estrutura começa no Executivo, passa pelos relatórios parciais do Orçamento e chega às emendas finais.

"Dois terços das verbas do Orçamento são colocadas no Executivo e é o Executivo quem libera as verbas", lembra Mercadante. "O que está corroído é o Estado", conclui.

Aparentando ressentimento com a repercussão negativa que sua descoberta causou, o senador José Paulo Bisol (PSB-RS), que revelou o "esquema gigantesco das empreiteiras" não quer falar muito. Ele voltou a dizer que acredita na existência de um estado superposto ao Estado brasileiro. Segundo o senador, "se as investigações não forem sufocadas, pode vir mais bomba por aí".